

Economia do fim dos tempos ou tempos de uma nova economia?

Paulo Nakatani⁽¹⁾



(1) Professor do Departamento de Economia da Ufes.

O ano de 2022 iniciou seus dias com a boa notícia de que as 500 pessoas mais ricas do mundo, em uma população estimada em cerca de oito bilhões, tiveram suas fortunas aumentadas em mais de um trilhão de dólares (PENDLETON e WITZIG, 2022). Os brasileiros na lista da *Forbes* em 2020, eram 45 bilionários com um patrimônio conjunto de US\$127,1 bilhões. Em 2021, são 65 brasileiros com um patrimônio de US\$219,1 bilhões (FOGAÇA, 2021). No ano passado, o turismo espacial foi ampliado com os passeios de alguns multimilionários pela borda do espaço, nos negócios de Jeff Bezos e Elon Musk. Da mesma forma, parece que a antiga corrida espacial está tendo um novo impulso para a exploração de

outros planetas, detonando os defensores da terra plana e, desta vez, por empresas privadas. Há um antigo sonho ou imaginação que encontramos nos filmes, livros, novelas, séries e seriados em que o modo de produção capitalista destrói a terra e alguns sortudos selecionados buscam outros planetas como refúgio para uma parte da humanidade - mundos distópicos e imaginários que refletem uma parte, pelo menos, da ideologia dominante no mundo de hoje. Só que, nesse imaginário, apenas uma minúscula parcela com algumas centenas ou alguns milhares de afortunados, se assim podemos chamar, são os *escolhidos*. O resto da população mundial, os sobreviventes, além dos demais bilhões que já tinham sido dizimados pelas guerras, conflitos e pestes e pelo caos, deverão continuar a lutar encarniçadamente pela sua sobrevivência no planeta Terra. Eles já tinham sido abandonados pelas elites dominantes. Tal é a situação que encontramos na *economia do fim dos tempos* e que se torna a cada dia mais real (ou já é) para uma boa parcela da população; é o que encontramos nas regiões das contínuas guerras localizadas e que observamos nas enormes massas populacionais que procuram escapar por meio das migrações para outras regiões. O crescimento da riqueza dos multimilionários faz parecer que o mundo se encontra em pleno progresso, expandindo a riqueza e bem estar da sua população, mas, “a pandemia empurrou cerca de 150 milhões de pessoas para a pobreza

extrema, de acordo com estimativas do Banco Mundial - um número que deve aumentar se a inflação continuar a subir” (PENDLETON e WITZIG, 2022). Associado a isso, a disseminação da fome só não foi ainda mais grave devido às políticas de distribuição de dinheiro para uma parcela de miseráveis e famintos. Assim, o mundo capitalista continua em crise, ou em estado de estagnação, há várias décadas (MARQUES, 2021, p. 11-26), o que foi agravado pela pandemia. Além disso, estamos entrando no terceiro ano da pandemia do coronavírus, e em uma nova onda devido à uma nova variante mais transmissível do vírus.

O chamado Estado de Bem-Estar, as políticas sociais e a regulamentação legal das relações trabalhistas, a regulação e certos controles e incentivos ou penalidades ao capital, e os processos de planejamento de médio e longo prazos, instituídos após a Segunda Guerra Mundial, foram gradativamente desconstruídos e eliminados, ao nível político-jurídico-ideológico e aos níveis concretos e determinados historicamente. As medidas de política econômica, como as políticas de *quantitative easing*⁵, iniciadas em 2007, adotadas pelos Estados capitalistas, sejam nas crises da época, seja na atual pandemia, têm em seu centro o apoio à reprodução do capital, ou seja, às grandes empresas capitalistas que comandam a economia mundial. Paradoxalmente, as políticas de distribuição de dinheiro para os pobres e miseráveis na atual pandemia têm, também, como efeito, o apoio para a circulação dos capitais. Em outros termos, garante a realização do valor ou o mercado de consumo. Porém, as medidas emergenciais não são só para os mais pobres: uma parcela significativa dos gastos públicos se direciona, mais ou menos diretamente, para a reprodução do capital e a aceleração da precarização da força de trabalho.

A busca desenfreada por lucros e enriquecimento efetuada continuamente pelos capitalistas, em que a taxa de crescimento do PIB se tornou um indicador fundamental, implica, igualmente, na extração de muitos recursos naturais que, mesmo sendo renováveis, atingiram seus limites e possibilidades de renovação. A escassez cada vez mais generalizada, as privatizações e a financeirização do mercado de água são alguns exemplos atuais (ÁLVAREZ, 2020). Da mesma forma, a produção capitalista, principalmente aquela destinada à uma pequena fração do mercado consumidor, é realizada com prazo de validade, também conhecido como obsolescência planejada (PACKARD, 1965, p. 49; ASSUMPÇÃO e DANTAS, 2019), o que, além do desperdício de recursos naturais, produz uma gigantesca massa de lixo e dejetos que aumentam a poluição do planeta. Somente no deserto de Atacama, na comuna de *Alto Hospicio*, no Chile, há um lixão tóxico, uma montanha de roupas de moda descartável, e “são montanhas que crescem cerca de 59 mil toneladas por ano entrando na zona franca do porto de Iquique, a 1.800 quilômetros de Santiago” (RFI, 2021). Esses dejetos da moda descartável contém componentes não degradáveis e resíduos tóxicos que podem durar 200 anos. Isso tudo, juntamente com a emissão de gases de efeito estufa e outros poluentes, estão também acentuando as mudanças climáticas e seus efeitos deletérios. Nesse contexto, junto com os avanços da ciência e das novas invenções, estamos cada vez mais em um mundo capitalista comandado, e cada vez mais dominado, pela inteligência artificial (IA), com robôs industriais que já substituíram uma grande parcela da força de trabalho. Essa IA embutida em dezenas ou centenas de produtos de consumo domésticos contribui, igualmente, para a expansão de lixo. Assim, é necessário e urgente que a humanidade busque *uma nova economia para superar o fim dos tempos*. A enorme desigualdade econômica é fruto do próprio modo de

⁵Instrumento de afrouxamento monetário utilizado por Bancos Centrais com o intuito de gerar grandes quantidades novas de dinheiro.

produção capitalista e é esse modo de produção que deve ser superado, e não o neoliberalismo. Ao longo do século passado, desde 1917, tivemos várias experiências históricas de tentativas de construção de uma nova sociedade socialista além do capital. Este é um tema extremamente polêmico e sem nenhuma solução à vista. Entretanto, pode-se tirar algumas lições dessas experiências. Em primeiro lugar, tirar o capital do comando das sociedades com a gradativa socialização dos meios de produção. Um deles é a propriedade privada da terra. Em alguns países, como fruto das revoluções, não existe a propriedade privada da terra, como na China. Outros meios de produção poderiam ser estatizados, mesmo que não em sua totalidade, com a manutenção de uma ampla rede de pequenos e médios capitais individuais privados e até mesmo de grandes, desde que controlados pela sociedade em seu benefício. Mas, sob o controle da sociedade. Este é um caminho possível para a construção de *uma nova economia para uma nova forma de sociedade*, além das experiências revolucionárias do século passado.

Na China e alguns países da Ásia, encontram-se em processo um movimento chamado de Nova Reconstrução Rural (NAKATANI e FALEIROS, 2016), em que certas unidades produtivas estão ensinando as pessoas a cultivarem sua própria comida, ou incentivando o retorno de jovens para o campo. Existem outras experiências e concepções em desenvolvimento como o ecossocialismo, que, “considera que enfrentamos uma crise sistêmica e que, para que ela possa ser superada, se faz necessária uma mudança radical dos fundamentos econômicos e sociais da sociedade atual” (MARQUES, 2021, p. 143). Na América do Sul, em particular no Equador e na Bolívia, as concepções e propostas dos povos originários da região andina, o *bem viver*, contém uma nova visão de mundo sobre as relações entre os seres humanos e a natureza. No Brasil, as comunidades rurais que adotam as técnicas da agroecologia e da agrofloresta

(LAURA, ALVES e ALMEIDA, 2015) estão em expansão, não só como apoio da EMBRAPA, mas também entidades locais como o INCAPER que tem realizado atividades a respeito (SIMÃO, 2019). São formas de produção na agricultura que, além do respeito à natureza, estão recuperando solos desgastados, nascentes de água e até as matas em seus respectivos biomas. Muitos assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) estão adotando essa técnica de agricultura sintrópica, como o assentamento Terra à Vista, no sul da Bahia.

Assim, como podemos constatar, existem alternativas para o *fim dos tempos*, mesmo que os processos revolucionários não sejam os mesmos do século passado. Cabe às sociedades escolherem seus caminhos para a superação, mas, também, que cada indivíduo em particular reveja seus desejos e instintos para a construção de *uma nova economia para uma nova sociedade*.

Referências Bibliográficas

- ÁLVAREZ, C. O que significa a água começar a ser cotizada no mercado de futuros de Wall Street? **brasil.elpais.com**, Madrid, 09 dez. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/economia/2020-12-09/o-que-significa-a-agua-comecar-a-ser-cotizada-no-mercado-de-futuros-de-wall-street.html>>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- ASSUMPÇÃO, L.; DANTAS, D. **Obsolescência programada**: uma comparação entre a década de 1960 e a década de 2010. VII ENSUS – Encontro de Sustentabilidade em Projeto – UFSC – Florianópolis – 08 a 10 de Maio de 2019. Florianópolis: [s.n.]. 2019.
- FOGAÇA, A. Quem são os Bilionários Brasileiros de 2021. **comoinvestir.thecap.com.br**, São Paulo, 26 out. 2021. Disponível em: <<https://comoinvestir.thecap.com.br/quem-sao-os-bilionarios-brasileiros-de-2021/>>. Acesso em: 10 jan. 2022.

LAURA, V. A. L.; ALVES, F. V.; ALMEIDA, R. G. D. **Sistemas agroflorestais: a agropecuária sustentável**. 1. ed. Brasília: Embrapa, v. 1, 2015.

MARQUES, R. M. E. A. **Pandemias, crises e capitalismo**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, v. 1, 2021.

NAKATANI, P.; FALEIROS, R. O movimento da nova reconstrução rural e alguns experimentos sociais na China contemporânea. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, p. 59-47, 23 maio 2016. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/24097>>.

PACKARD, V. **Estratégia do desperdício**. 1. ed. São Paulo: IBRASA, v. 1, 1965.

PENDLETON, D.; WITZIG, J. Um ano bom para os superricos: fortuna do clube de Musk cresceu US\$ 1 trilhão em 2021. **Valor econômico**, São Paulo, 05 jan. 2022. Disponível em:

<<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2022/01/01/um-ano-bom-para-os-superricos-fortuna-do-clube-de-musk-cresceu-us-1-tri-em-2021.ghtml>>. Acesso em: 05 jan. 2022.

RFI. No Chile, o deserto do Atacama abriga lixão tóxico da moda descartável do 1º mundo. **g1.globo.com**, 10 nov. 2021. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/11/10/no-chile-o-deserto-do-atacama-abriga-lixao-toxico-da-moda-descartavel-do-1-mundo.ghtml>>.

Acesso em: 10 jan. 2022.